

# GUERRA HÍBRIDA: O confronto entre os pontos de vista ocidental e russo

**RAPHAEL CORRÊA SILVA\***  
Capitão de Mar e Guerra

---

Estima-se que a Guerra Fria tenha terminado em 1991, com o colapso da União Soviética. A falência soviética, muito provavelmente, foi consequência da corrida armamentista implementada pelo então presidente dos Estados Unidos da América (EUA), Ronald Reagan. As populações ocidentais tiveram a percepção de que o dividendo da paz seria a realocação dos recursos financeiros, gastos pela defesa, para os programas públicos. A prosperidade geral e a benevolência internacional reduziriam o risco de uma Terceira Guerra Mundial e eliminariam, inclusive, as pequenas guerras. Uma nova ordem mundial seria introduzida,

sendo arbitrada de acordo com os padrões ocidentais. Contudo uma geração menos hábil de dirigentes ocidentais empreendeu guerras neoliberais e, no momento em que invadiu o Iraque, desconsiderou as experiências da história. Os exércitos conquistadores não destroem o exército ou a infraestrutura estatal.

Os Estados Unidos, em 2003, desmantelaram o Iraque, um Estado secular que havia mantido o *balance of power* (equilíbrio de poder) entre suas comunidades, isto é, xiitas e sunitas, cristãos e judeus, abrindo uma Caixa de Pandora, comprometendo a paz advinda do fim da Guerra Fria. Os últimos 25 anos confirmaram que

---

\* Possui três comandos de navios na carreira. Realizou os cursos de Estado-Maior para Oficiais Superiores na Escola de Guerra Naval (RJ) e Études Militaires Supérieures na École de Guerre (França) e possui mestrado em Defesa e Dinâmica Industrial na Universidade Paris II – Sorbonne.

as mais amplas ambições políticas dos Estados com maior influência mundial (*global players*) permanecem as mesmas. Outro exemplo marcante advém do tradicional adversário norte-americano – pouco importa qual regime está no poder; em Moscou, os objetivos geopolíticos da Rússia, em longo prazo, são indelévelis. Por um momento, logo depois da desintegração da União Soviética, parecia que uma nova Rússia surgiria. Todavia a Rússia, sob o governo do Sr. Putin, manteve a mesma agenda do período da Guerra Fria, sendo ela aplicada na Crimeia, no Leste Europeu ou no Oriente Médio. Com características nacionalista, imperialista e revanchista, a aplicação da agenda russa utilizou métodos e ações belicosas que se configuram como Guerra Híbrida<sup>1</sup>.

A Guerra Híbrida esteve e está presente em diversos cenários de conflitos. É a maneira em que as grandes potências estão empregando “a dialética das suas vontades, por meio da força, buscando resolver seus conflitos”. Retomando o exemplo do Iraque e das regiões do Levante, pelo lado ocidental, o envio de forças militares a este teatro de operações é justificado pela percepção do comprometimento da segurança dos seus países.

O *quid pro quo* russo é a manutenção das suas forças armadas na mesma região em decorrência da presença dos exércitos ocidentais. Os dois lados defendem seus interesses. Entretanto um terceiro

elemento está presente: um elemento, convencionalmente não combatente, que potencializa os resultados das ações militares, mas que, *pari passu*, pode afetar os atores estatais proeminentes, isto é, Estados Unidos e Rússia, em seus próprios territórios, ou seja, fora da zona de operações militares. Esses aspectos caracterizam as ações híbridas que são impulsionadas pela população local do conflito. Em relação a esse ambiente, nós nos indagaremos como a Guerra Fria tomou a forma de Guerra Híbrida.

Para apresentar este artigo, primeiramente serão abordados o conceito e as características da Guerra Híbrida. Em seguida, o ponto de vista da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) no que concerne à Guerra Híbrida e à percepção russa, finalizando com uma comparação breve entre os dois pontos de vista e fazendo uma analogia com

**Com características nacionalista, imperialista e revanchista, a Rússia utilizou métodos e ações belicosas que se configuram como Guerra Híbrida**

os eventos históricos para responder a questão proposta. Primeiramente, conceitua-se a Guerra Híbrida como um conflito ligado a ameaças internas ou externas de um país, em que diversos modos de hostilidade são utilizados simultaneamente: forças militares convencionais, tática de forças militares irregulares e outras atividades ilegítimas que busquem desestabilizar a situação. Um grupo de trabalho militar da Otan, Planification Stratégique & Concept (Planificação Estratégica e Conceito – tradução nossa), adotou, em

1 Conflito relacionado a ameaças internas e externas de um país, em que diversos tipos de hostilidades são empregados simultaneamente, isto é, forças militares convencionais, táticas de forças irregulares e atividades ilegítimas que visam desestabilizar a situação. Há, por parte de um dos beligerantes, a existência de atores estatais e não estatais.

2010, a seguinte definição de ameaça híbrida: “a ameaça híbrida é criada por um adversário existente ou potencial, um Estado, uma organização não estatal ou terrorista, e consiste no planejamento de emprego simultâneo de métodos militares convencionais e não convencionais para atingir seus objetivos”.

Na prática, uma ameaça pode ser considerada híbrida uma vez que se insira em múltiplas dimensões, sem desconsiderar que os adversários, ao longo da história, têm usado a criatividade ao máximo para ganhar os conflitos, notoriamente por meio da aplicação de táticas regulares e irregulares. A Guerra Híbrida utiliza métodos diversos para desestabilizar um Estado funcional e polarizar a sociedade. Diferentemente da guerra convencional, a Guerra Híbrida põe

ênfase na implicação ativa da população de um Estado-alvo. Atenção particular é dada aos meios de informação e de influência psicológica, tendo como meta

uma superioridade em matéria de controle de pessoal e de armas, bem como um abatimento moral e psicológico de tropas do inimigo e da população civil. De acordo com a percepção ocidental, a agressão russa contra a Ucrânia, em 2014, acentuou a importância das operações de informação em uma guerra de nova geração, isto é, híbrida. Valery Gerasimov, chefe do Estado-Maior do Exército russo, enumerou os elementos da Guerra Híbrida:

- atividades militares desencadeadas durante o período de paz (sem declaração de guerra);
- passagens de armas sem contato entre grupos móveis de combatentes de diferentes especializações;

- paralisa das capacidades militares e econômicas do adversário, após ataques direcionados de curta duração, visando à infraestrutura militar e civil de importância estratégica;

- amplo emprego de armas de alta precisão, de operações especiais, de robôs e armas baseadas nos novos princípios;
- envolvimento de pessoal civil armado;
- ataques simultâneos contra as unidades e as sedes militares do inimigo, em todo o território;
- atividades militares simultâneas na terra, no ar, no mar e no campo da informação;
- emprego de métodos assimétricos e indiretos; e
- gestão de combatentes por meio de um sistema comum de informação.

### **Uma ameaça pode ser considerada híbrida quando se insere em múltiplas dimensões**

As alianças dos atores estatais e não estatais, que configuram o aspecto híbrido, aplicam habilidades convencionais, irregulares, terroristas e criminosas.

Estas habilidades incluem a guerra cibernética e a utilização hábil das mídias para divulgar informações convenientes, como *fake news* (notícias falsas – tradução nossa), entre outras.

A Rússia do Presidente Putin revelou-se especialista em Guerra Híbrida, por exemplo, ao tomar o controle da Crimeia com a utilização de tropas sem identificação e sem distintivos. Tratou-se de um tipo de guerra apresentada como uma aliança entre guerra convencional e não convencional, guerra regular e não regular, guerra da informação e guerra cibernética. A Rússia manifesta-se por seu direito de conduzir uma política externa independente. Por outro lado, ela não

aceita o direito da Ucrânia de criar suas estratégias a favor de laços mais próximos com a União Europeia. A política russa a respeito da Geórgia e da Ucrânia corresponde, de fato, a uma ordem internacional concebida pela Rússia, de acordo com a qual o mundo deve ser governado pelos grandes centros geográficos de diferentes culturas (civilizações).

Em seus discursos públicos, Putin justificou a anexação da Crimeia por um desejo de salvaguardar a civilização ortodoxa e de unir não somente os territórios russos históricos, mas também o assim chamado “mundo russo”. Essa argumentação, visando justificar uma agressão militar contra um país vizinho, é contrária às normas existentes do direito internacional que preveem as situações em que a força militar pode ou não ser empregada. A justificativa russa, baseada na proteção de um grupo étnico pertencente a uma cultura, recorda a política exterior da Alemanha nazista a respeito da Tchecoslováquia às vésperas da Segunda Guerra Mundial. Verificam-se três principais conclusões da proposição russa relativa à nova ordem mundial:

- demandar direito exclusivo sobre seus países vizinhos e não aceitar política exterior independente de antigas repúblicas soviéticas;
- empregar a força militar russa em países vizinhos, sob o pretexto da proteção de compatriotas residentes no estrangeiro; e
- ignorar violações do direito internacional cometidas por outros atores globais, desde que apoiem ou respeitem as ambições regionais russas.

Contudo a percepção russa de Guerra Híbrida é extremamente similar à definição ocidental. Para os russos, o grande objetivo de cada Guerra Híbrida é dificul-

tar os projetos de um determinado Estado, por meio da manipulação e exploração de aspectos étnicos, religiosos, regionais, políticos etc. Os objetivos da integração eurásiana da Rússia e dos projetos da Rota da Seda da China são os alvos da estratégia de Guerra Híbrida mundial dos Estados Unidos.

O aspecto principal é aceitar que as guerras híbridas são, majoritariamente, conflitos assimétricos, provocados a partir do exterior e fundamentados na sabotagem de interesses geoeconômicos.

Os russos reivindicam que as intervenções dos Estados Unidos na Síria e no Iraque são consideradas as duas primeiras ações de Guerra Híbrida deste milênio. Eles reforçam a premissa de que as guerras híbridas nunca são desencadeadas contra um aliado americano ou um país em que os Estados Unidos têm interesses vitais. Esta é a razão pela qual os Estados Unidos não arriscam Guerra Híbrida onde há interesses financeiros e econômicos. Destarte, nunca vão sabotar seus próprios interesses, a menos que haja vantagem em proceder à política de terra arrasada, como, por exemplo, no Iraque, por ocasião da retirada do teatro de operações.

Portanto, os elementos geoestratégicos da Guerra Híbrida são, de alguma forma, inextricáveis dos elementos geoeconômicos. Segundo os russos, o *modus operandi* americano considera que, uma vez que os Estados Unidos tenham seu alvo identificado, inicia-se uma busca das vulnerabilidades estruturais que serão exploradas na Guerra Híbrida vindoura. Contextualmente não são objetos físicos a sabotar, tais como centrais elétricas e as estradas, mas as características sociopolíticas destinadas à manipulação para ressaltar certa disparidade demográfica no tecido social existente e, então, legitimar uma revolta vindoura contra as autoridades,

gerada a partir do exterior. Estas ações são muito similares às aplicadas pela Central de Inteligência Americana (CIA), no período da Guerra Fria, no Caribe e na América Central.

Para os americanos, as vulnerabilidades estruturais sociopolíticas mais comuns relacionadas com a Guerra Híbrida são: etnicidade, religião, história, limites administrativos, disparidade socioeconômica e geografia física. As guerras híbridas são ainda precedidas de um período de condicionamento social e estrutural. O primeiro tipo trata dos aspectos de informação e do *soft power*. O segundo está ligado aos diferentes artifícios que os Estados Unidos utilizam para forçar o governo-alvo a agravar, involuntariamente, as diversas diferenças sociopolíticas que foram identificadas. Destarte, o efeito desejado é que as populações estejam divididas, sendo mais sensíveis ao trabalho de enfraquecimento de organizações não governamentais politizadas. Na realidade, esses cenários lembram os conflitos que ocorreram durante a Guerra Fria. É a reedição de confrontos entre *heartland* e *rimland*<sup>2</sup>. Os conflitos sucedidos no *rimland*, como Coreia, Vietnã e Afeganis-

tão, possuem muitas similaridades com os conflitos da Síria e Ucrânia, isto é *rimland*, *guerrilla*<sup>3</sup>, russos *versus* ocidentais. Tanto as ações militares convencionais como as ações de guerrilha estão presentes. No entanto o que potencializa a característica híbrida e a presença de um novo aspecto no âmbito desse cenário é “o paradoxo da globalização”. Essencialmente, esse paradoxo é intimamente ligado às tecnologias concebidas nas últimas décadas. Sob um ponto de vista geral, atualmente, ao mesmo tempo em que os países desenvolvidos podem atingir o inimigo/adversário a distância com armamentos do estado da arte, os países em desenvolvimento, por meio de atividades cibernéticas, fluxos migratórios e ações contra as rotas marítimas, apresentam ameaças assimétricas/terroristas para o território dessas mesmas potências. Desse modo, é possível inferir que a Guerra Híbrida é a Guerra Fria modernizada, em que a mesma tecnologia que incrementa a eficiência militar convencional transbordou para a sociedade civil, criando elementos hostis e belicosos que passam a fazer parte dos conflitos. Isto materializa a característica híbrida dos atuais conflitos. Entretanto, se

2 Halford Mackinder escreveu, em 1904, *O Pivô Geográfico da História*. Seu pensamento registra a corrente de inquietudes inglesas diante das pretensões hegemônicas continentais do início do século XX. Ele desenvolve a teoria do *heartland*, o pivô do mundo, que para ele é a Eurasia, mais precisamente a Rússia, circundada de um *glacis* protetor (Sibéria, Himalaia e Gobi), em volta do qual se encontram as terras marginais (Europa Oriental, Oriente Médio e Sudeste Asiático), mais o anel exterior ou sistemas insulares (Estados Unidos, Grã-Bretanha, Japão e Oceania). Para Mackinder, quem detém a Europa Oriental detém a Europa Central, quem detém a Europa Central domina a ilha mundial, e quem domina a ilha mundial domina o mundo. A geopolítica deve, portanto, tender a prevenir uma aliança entre Rússia e Alemanha e favorecer a aliança entre os sistemas insulares e as terras marginais, daí um necessário poder marítimo. Nicolas Spykman escreveu, em 1938, *Geografia e Política Externa*. Ele se opõe ao determinismo de Haushofer e contesta a teoria do pivô de Mackinder, baseando-se em fatos da Primeira Guerra Mundial (fracasso da aliança russo-germânica). Para ele, a zona pivô é o *rimland*, a região intermediária entre o *heartland* e os mares marginais. Daí um choque inevitável entre as potências marítimas e terrestres: aquele que domina o *rimland* domina a Eurasia, e aquele que domina a Eurasia domina o mundo. Esse choque é verificado na história para Spykman, por meio do grande jogo entre russos e americanos na Ásia Oriental e no Afeganistão, durante a Guerra Fria. Faz-se imperativo prevenir a unificação do espaço euroasiático e controlar os mares e os espaços periféricos desse conjunto.

3 Luta armada, efetuada em pequenos grupos de combatentes, compostos geralmente por pessoas não pertencentes a exércitos nacionais, sem respeito pelas convenções internacionais.

considerarmos aspectos históricos, a partir do Tratado de Westfália, que marca a criação dos Estados modernos, é possível considerar que o exemplo mais emblemático de Guerra Híbrida é proveniente das Guerras Napoleônicas.

A invasão francesa na Espanha apresentou-se, primeiramente, com combates convencionais, havendo o embate entre os exércitos franceses e espanhóis. A ruptura do Estado espanhol não significou a perda da vontade de lutar por parte dos espanhóis. O conflito perdurou, sendo empregada a estratégia da atrição por parte dos espanhóis.

As ações desta estratégia eram configuradas por pequenas guerras, o que

deu origem ao termo hispânico *guerrilla*, escrito desta forma em diversas literaturas estrangeiras, como em inglês, francês etc. Nesta guerra, um quarto elemento fez parte do conflito com o desenrolar das ações: o Estado britânico. Os britânicos passaram a apoiar os elementos de guerrilha espanhóis e, por vezes, atuavam, convencionalmente, contra os franceses. Este cenário guarda uma semelhança aguda com o que ocorre atualmente na Síria. Portanto, surge uma nova questão: a concepção de Guerra Híbrida, considerando o Tratado de Westfália, as guerras napoleônicas e as semelhanças das ações nos conflitos e guerras que se sucederam, originou-se na Guerra da Espanha (1808-1813)?

#### 📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<GUERRAS>; Guerra Fria; Guerra de Guerrilha; Incidente entre EUA e Iraque;

<ARTES MILITARES>; Estratégia;